

VINA JACKSON

80 DIAS
A COR
DA TENTAÇÃO

Tradução de Eva Miranda

5 SENTIDOS

1

Um banquete de ostras

Em plena Grand Central Station, ele beijou-me.

Foi um beijo enamorado, breve, suave, afetuoso, ainda impregnado das memórias de um dia passado em ditosa negação, a lembrar-me que esta seria a nossa última noite juntos em Nova Iorque. Ainda não tínhamos falado do futuro nem do passado. Não tínhamos sequer ousado. Era como se esta meia dúzia de dias e noites fosse uma janela aberta entre esses dois espetros ameaçadores que era melhor esquecer até o inevitável curso do tempo nos obrigar a encará-los de frente.

Nas próximas vinte e quatro horas seríamos apenas um casal de namorados como qualquer outro.

Mais uma noite e um dia em Nova Iorque. O futuro seria o que tivesse de ser.

Parecia fazer sentido passarmos alguns dos nossos últimos minutos juntos na Grand Central, um dos meus locais preferidos da cidade, o ponto onde o passado e o futuro se encontram, onde os mais díspares segmentos da população de Nova Iorque se misturam – ricos, pobres, *punks*, os meninos e as meninas de Wall Street, turistas e transeuntes –, todos a caminho de vidas tão separadas, unidas apenas por estes escassos momentos apressados em que partilham por breves instantes a experiência comum de correr para um comboio.

Estávamos mesmo no centro da estação, junto ao famoso relógio de quatro faces. Depois do beijo, olhei para cima, e em redor, como sempre fazia quando ali estava. Gostava de apreciar as colunas de mármore e os pequenos arcos da abóbada que sustentavam um céu mediterrânico

invertido – a visão zodiacal que os antigos cartógrafos imaginavam que os anjos ou outras formas de vida alienígenas poderiam assumir quando olhavam a Terra das celestiais alturas.

O edifício fazia-me lembrar uma igreja, mas, ambivalente como sempre fui no tocante à religião, tinha mais respeito pelo poder do caminho de ferro, prova do inesgotável desejo do Homem de chegar a outros lugares. O Chris, o meu melhor amigo em Londres, dizia sempre que nunca se fica a conhecer realmente uma cidade até experimentarmos os seus transportes públicos, e, se isto era verdade em qualquer parte do mundo, era-o, igualmente, em Nova Iorque. A Grand Central Station era a súpula de todas as coisas de que eu gostava em Manhattan: cheia de promessas, a palpitar com a energia das pessoas que corriam apressadas em todas as direções, uma verdadeira mescla de corpos em movimento; a opulência e a grandiosidade dos lustres dourados que pendiam do teto eram, para quem passasse apenas com um dólar na algibeira, a promessa de que alhares, mais adiante, a oportunidade estava à espera.

Acontecem coisas boas em Nova Iorque: esta era a mensagem da Grand Central Station. Se trabalhares a sério, se lutares pelos teus sonhos, um dia a sorte vai chegar e a cidade irá dar-te uma oportunidade.

O Dominik deu-me a mão e arrastou-me por entre a multidão até à rampa de acesso à Whispering Gallery, no nível inferior. Eu também nunca tinha estado na Whispering Gallery da Catedral de S. Paulo, em Londres; faziam ambas parte da minha interminável lista de lugares a visitar e coisas a ver.

Nisto, ele encostou-me a um canto, virada para uma das colunas que ligavam os arcos mais baixos, e correu para o outro lado.

– Summer – chamou. A voz dele chegou-me através da coluna, clara e cristalina, como se a parede estivesse a falar comigo. Sabia que se tratava de um fenómeno arquitetónico: pelos vistos, as ondas sonoras viajavam entre colunas opostas através da abóbada, num pequeno passe de magia acústica, o que, no entanto, não deixava de ser intrigante. Ele estava a mais de três metros e de costas para mim, e era como se estivesse ali ao meu lado a sussurrar-me ao ouvido.

– Sim? – murmurei para a parede.

– Mais logo vou fazer amor contigo outra vez.

Virei-me, a rir, e olhei para ele, que me sorria com malícia do outro lado.

Voltou para junto de mim e, dando-me outra vez a mão, puxou-me com força e abraçou-me. O seu peito era agradavelmente duro e, sendo quase trinta centímetros mais alto do que eu, mesmo de saltos altos eu podia deitar a cabeça no seu ombro. O Dominik não era só músculos – não passava a vida no ginásio ou, pelo menos, nunca tinha falado nisso –, mas tinha um corpo magro e atlético e a fluidez de movimentos de quem se sente bem no próprio corpo. Hoje tinha estado um dia muito quente de fim de verão em Nova Iorque, com o sol tão escaldante e impiedoso durante todo o dia que dava para estrear ovos no passeio. O calor ainda era sufocante e, embora tivéssemos ambos tomado duche antes de sairmos do hotel do Dominik, eu podia sentir o calor da sua pele através da camisa. O seu abraço era como uma nuvem quente a envolver-me.

– Mas por agora vamos comer – murmurou, desta vez ao meu ouvido.

Estávamos precisamente à porta do famoso Oyster Bar, como o nome indica especializado em ostras. Não me lembrava de ter falado ao Dominik na minha paixão por peixe cru – mais uma das minhas idiossincrasias em que ele tinha acertado em cheio. Estive quase a dizer-lhe que as ostras me davam a volta ao estômago só para lhe mostrar que não acertava sempre, mas como andava a pensar ir ao Oyster Bar desde que chegara a Nova Iorque não ia desperdiçar esta oportunidade. Além disso, como fico sempre de pé atrás com alguém que não goste de ostras, achei que se podia passar o mesmo com ele e não queria pregar-lhe uma partida que se pudesse virar contra mim.

O Oyster Bar é um restaurante muito famoso e fiquei surpreendida por ele ter conseguido mesa tão em cima da hora, se bem que, conhecendo o Dominik como conheço, o mais provável é ter reservado a mesa antecipadamente sem me dizer nada. Mesmo assim, ainda tivemos de esperar vinte minutos para nos sentarmos, embora o empregado tivesse trazido logo os menus e esperado que escolhêssemos as bebidas.

– Champanhe? – perguntou o Dominik, pedindo uma *Pepsi*.

– Uma garrafa de cerveja *Asahi* para mim, por favor – disse eu ao empregado, apercebendo-me do leve sorriso nos lábios do Dominik ao ver-me ignorar a sua sugestão.

– Aqui a ementa é irresistível – disse o Dominik. – Que tal partilharmos umas ostras como entrada?

– Estás a tentar encher-me de afrodisíacos?

– Summer, se alguma vez existiu mulher que não precise de afrodisíacos, essa mulher és tu.

– Vou tomar isso como elogio.

– Ótimo. A intenção era essa. Tens preferência especial por alguma variedade de ostras?

O empregado estava de volta com as bebidas. Dispensei com um gesto o copo que ele me oferecia. A cerveja deve ser bebida pela garrafa. Bebi um gole refrescante e olhei para o menu.

Aqui até tinham ostras da Nova Zelândia, vindas do golfo de Hauraki, não muito longe da cidade onde nasci. Senti uma dor fugaz, uma saudade passageira, a maldição do viajante fatigado. Por mais que gostasse de cada nova cidade onde estivesse, continuava a ser atormentada, pelo menos de vez em quando, pela lembrança da Nova Zelândia. E marisco era uma das coisas que me transportava de volta a casa, aos dias quentes e às noites frescas junto ao mar, de pés enterrados na suave areia molhada, a meia-maré, a apanhar *tuatua* e *pipi*, os bivalves que vivem na orla dos extensos areais, ou às noites de sexta-feira no pequeno restaurante de peixe, a mandar vir meia dúzia de ostras fritas, servidas num cartucho de papel branco, cobertas de sal e com uma grande rodela de limão.

Pedi meia dúzia de uma variedade local que o empregado recomendasse e o Dominik pediu outra meia dúzia. Saudades à parte, não tinha vindo de tão longe até Nova Iorque para comer marisco do golfo de Hauraki.

O empregado desapareceu na cozinha e o Dominik estendeu o braço por cima da mesa e pousou a mão sobre a minha. Estava mais fria do que eu esperava, tendo em consideração o calor do seu corpo, e, apanhada de surpresa, estremei involuntariamente. Foi então que percebi que aquela era a mão com que ele tinha estado a segurar o copo, que devia estar muito frio, embora ele pedisse sempre a *Pepsi* com pouco gelo.

– Tens saudades? Da Nova Zelândia?

– Tenho. Não sempre, mas quando alguma coisa me traz recordações de casa, uma palavra, um cheiro, qualquer coisa... nessa altura tenho. Não tanto dos amigos ou da família, porque falo com eles pelo telefone ou por e-mail, mas sinto falta da terra, do oceano. Para mim é difícil viver em Londres por ser tão plana. Bem, não tão plana como algumas partes da Austrália onde já vivi, mas mesmo assim plana. A Nova Zelândia tem muitas montanhas.

– A tua cara é como um livro aberto. Deixas escapar mais do que pensas. Nem tudo sai cá para fora nas notas da tua música, sabias?

Ele tinha ficado desiludido por eu ter deixado o violino no apartamento antes de ir ter com ele ao hotel, meia dúzia de ruas mais abaixo. Prometi ir buscá-lo e tocar outra vez antes de ele partir. O Dominik tinha marcado um voo noturno e iria apanhar um táxi para o aeroporto no dia seguinte às quatro da tarde, de volta a Londres e ao trabalho na universidade e à sua casa cheia de livros, próxima de Hampstead Heath. A minha semana de férias estava a chegar ao fim e na segunda-feira ia voltar à orquestra e aos ensaios para o novo concerto.

Não tínhamos falado sobre o que iria acontecer depois. Em Londres, mesmo antes de eu partir para Nova Iorque, tínhamos uma ligação muito livre, uma relação, digamos, mas não estruturada. Ele tinha-me dito que eu tinha toda a liberdade para explorar outras relações, desde que depois lhe contasse tudo em pormenor, uma exigência que me tinha agradado. Excitava-me imenso contar-lhe o que tinha feito e às vezes fazia certas coisas ou evitava fazê-las só a pensar na confissão que se seguiria. Mas isso eu não dizia ao Dominik. Ele era como o padre a quem nunca me tinha confessado. Tinha-se mostrado ora divertido, ora excitado com as minhas aventuras até à noite da cena com o Jasper, quando tudo tinha corrido tão mal.

Também não lhe tinha falado no Victor, o homem com quem me tinha envolvido em Nova Iorque. Não sabia bem como abordar o assunto. Os jogos do Victor eram demasiado perversos para o gosto do Dominik. O Victor tinha chegado mesmo a vender-me, a dar-me aos amigos para me usarem como bem entendessem. E eu tinha alinhado em tudo e gostado da maior parte das coisas. Será que contaria tudo isto ao Dominik? Não sabia ao certo. Tinham-se passado apenas quarenta e oito horas desde que eu tinha abandonado a festa do Victor, quando ele tentou marcar-me permanentemente como sua escrava, propriedade sua, e eu tinha recusado. A sugestão de uma marca permanente tinha sido de mais. Mas agora já parecia ter sido há muito tempo. Estar com o Dominik tinha feito esquecer o mau momento com o Victor, pelo menos por agora. Também tinha a certeza de que o Dominik conhecia o Victor de Londres, o que tornava a situação ainda mais complicada.

– Como está Londres? – perguntei, mudando de assunto.

A nossa entrada chegou num instante, apesar de eu ter lido algumas críticas ao bar em que diziam que o serviço era lento. As doze ostras estavam dispostas em leque, como joias, numa grande travessa branca, com um limão no centro, cortado ao meio, estando cada metade embrulhada em musselina branca bem apertada no topo, para aprisionar as sementes, como se um só caroço que se escapasse da polpa pudesse arruinar todo o prato.

O Dominik encolheu os ombros.

– Não perdeste grande coisa. Tenho andado cheio de trabalho: aulas, adiantar uns artigos no tempo livre, escrever sem parar. – Ergueu os olhos e encontrou os meus, e, após um momento de hesitação, continuou: – Senti a tua falta. Aconteceram algumas coisas sobre as quais devemos falar, mas a seu tempo; por agora vamos desfrutar a noite. Come as ostras.

O Dominik levou uma ostra à boca, segurando a concha na palma da mão enquanto espetava a parte carnuda com o minúsculo garfo de prata que o empregado tinha trazido. Havia algo de selvagem no modo como tinha extraído o sumo do limão, fazendo-o com tal veemência que quase se podia dizer que o tinha esmagado em vez de espremido. Depois, como se fosse o passo seguinte de um ritual bem ensaiado, deitou pimenta preta sobre as ostras com duas voltas impetuosas do moinho. Espetava as ostras habilmente, com destreza, sem deixar que um só pedacinho que fosse ou uma só gota de líquido se desviassem da sua trajetória até à língua.

Eu preferi ignorar o garfo e sugar a ostra diretamente da concha, saboreando o seu toque escorregadio, a textura molhada a bater-me na língua, sem talheres, e os lábios cobertos de líquido salgado.

Ergui os olhos e vi o Dominik a observar-me.

– Comes como um bicho.

– E não é a única coisa que faço como um bicho – disse eu, tentando esboçar um sorriso malicioso.

– Não posso negá-lo. É uma das coisas que me agradam em ti. Rendes-te aos apetites, sejam eles quais forem.

– Na Nova Zelândia achariam esta maneira de comer ostras muito refinada. Lá, já vi muita gente trincar as línguas das *pipi*, uma espécie de amêijoia que se apanham nas zonas baixas, junto à costa. Elas deitam as línguas de fora quando as tiramos da água e os verdadeiros *gourmets* atiram-se logo a elas e comem-nas vivas.

O Dominik sorriu.

- Tu fazias isso, comias os mariscos vivos?
- Não, nunca tive coragem para o fazer. Achava uma crueldade.
- Mas aposto que admiravas essa coragem nas outras pessoas?
- Sim, sim. Admirava mesmo.

Suponho que é por ter espírito de contradição e ser um bocado rebelde, mas quanto mais um tipo de comida me consegue suscitar a oposição amor-ódio, mais provável é que eu venha a gostar ou, pelo menos, admire as pessoas que gostam.

– E se fôssemos dar uma volta? – perguntou o Dominik, agradecendo aos empregados enquanto saíamos.

Eles retribuíram com um caloroso boa-noite. O Dominik era generoso nas gorjetas. Eu tinha lido algures que devíamos prestar sempre atenção ao modo como um homem trata os animais, a mãe e os empregados dos restaurantes. Registei por isso esta informação na coluna das suas características positivas.

Olhei para os meus sapatos. De verniz preto com salto agulha e, como tinha trazido apenas uma carteira mais pequena e elegante, não pude trazer um par sobressalente de sapatos rasos.

- Se te doerem os pés, podemos apanhar um táxi.
- Sim, estes saltos não foram feitos para caminhadas.

Pensei que ele correria para a berma do passeio para chamar um táxi, mas o que ele fez foi agarrar-me pelo pulso e puxar-me bruscamente para o lado, empurrando-me com força contra a parede exterior do restaurante, ao lado das escadas da estação de metro da Rua 43 Este, percorrendo-me o corpo de alto a baixo com as mãos e depois o rabo. Podia sentir-lhe o alto nas calças contra a minha coxa. Pareceu-me que estava a ficar com uma ereção e baixei a mão para verificar, mas ele empurrou-me os dedos. Raios o partam. Esta mania de me pôr em brasa e de me deixar depois à míngua punha-me doida. Quanto mais depressa chegássemos a casa, melhor.

– Já tos tiro não tarda nada – disse ele, largando-me outra vez, sem se preocupar sequer em falar baixo.

Uma mulher de meia-idade que estava na longa fila à porta do Oyster Bar, de calças beges, sapato de salto alto de imitação de pele de cobra e casaco de malha cor-de-rosa, apesar do calor, mandou-nos calar.

O Dominik deu-me o braço e seguimos para oeste, pela Rua 42 até à Park Avenue, apinhada com as multidões de sábado à noite, um mar de gente que se encaminhava para festas, turistas, dançarinas e público, todos na maior animação, à espera de um cheirinho da verdadeira ação. A parte divertida do fim de semana só agora estava a começar para a maioria; a energia estava quase ao rubro, rivalizando com as luzes e os anúncios luminosos, enquanto os carros passavam vertiginosos a zumbir e a torre da Times Square se erguia no céu, acima de nós, como um dedo insolente ostensivamente espetado a mandar para o caraças as zonas respeitáveis da cidade.

– Queres ir ver algum espetáculo? – perguntei, desejosa de que a resposta fosse não. Tínhamos falado nisso antes: portarmo-nos como turistas e irmos à Broadway ver uma peça. É verdade que tínhamos passado a maior parte do dia na cama, mas eu não estava nada cansada e não queria desperdiçar a nossa última noite.

– Antes te quero ver a ti – respondeu ele, de olhos a brilhar, e o meu coração disparou ao lembrar-me de quanto o Dominik gostava de ficar a ver-me, de como tinha ficado excitado depois de cada concerto privado que me tinha preparado, em que eu tocara violino só para ele em várias fases, começando vestida e acabando nua. Pensei no valioso Bailly que ele me tinha comprado, quando o meu violino se partira, na condição de tocar Vivaldi só para ele... toda nua. E como depois do primeiro concerto a solo na cripta, em Londres, ele me tinha fodido contra a parede, ali mesmo, antes de me levar para a sua casa, em Hampstead, e me pedir que me masturbasse até atingir o orgasmo, com ele a assistir sentado na cadeira da secretária.

Estávamos parados no cruzamento enquanto o resto do mundo passava veloz e pensei que se aquele momento fosse captado em filme, a fotografia mostraria apenas o Dominik e eu, os nossos corpos perfeitamente delineados num turbilhão de cor, como se fôssemos as únicas duas pessoas nas ruas de Nova Iorque, enquanto o resto da multidão apareceria indistinta, fundida numa mancha difusa, de rostos sem feições.